

“Encontrando Bianca”: discursos sobre o corpo-travesti

Nilson Fernandes Dinis*, Renata Silva Pamplona**

Resumo

Este artigo objetiva realizar uma análise dos discursos produzidos sobre o corpo travesti em um vídeo educativo. Toma-se como *corpus* de análise o vídeo: “Encontrando Bianca”, que narra uma história fictícia sobre os dilemas de uma travesti na escola em que estuda. Esse vídeo compõe parte do material educativo *Kit anti-homofobia*. Faz-se como opção metodológica trabalhar a partir da arqueogenealogia foucaultiana, uma vez que esse acontecimento se insere numa ordem de saber e poder. A conclusão é de que o vídeo, constituindo-se como uma produção discursiva, pode, no lugar de realizar seu propósito de combate à homofobia, apresentar um poder ressurgido que aprisiona o corpo a um discurso ideal e cria um corpo idealizado para as travestis.

* UFSCar, São Carlos, SP, Brasil. ndinis@ufscar.br.

** UFSCar. São Carlos, SP, Brasil. renascersempre@hotmail.com.

Palavras-chave

Homofobia, travesti, corpo, sexualidade.

Meeting Bianca: Discourses About Transvestite Body

Abstract

This article aims to conduct an analysis of the discourses produced on the transvestite body in an educational video. It takes as a corpus of analysis the video Meeting Bianca, which tells a fictional story about the dilemma of a transvestite studying at a school. This video is part of an educational kit called “School without homophobia”. The methodological option was to work with the Foucauldian arche-genealogy, understanding that the event is inscribed in a relationship of power and knowledge. It concludes that the video, which constitutes a discursive production, may present a revived power, which locks the body in an idealistic discourse, producing an idealized body for the transvestites, instead of fighting against homophobia.

Keywords

Homophobia, transvestite, body, sexuality.

Introdução

O corpo e a maneira como este se apresenta não são dados por uma essência do sujeito, nem tampouco são definidos, estritamente, por uma constituição biológica e genética, ainda que, evidentemente, essas últimas o componham. O corpo não é simplesmente consolidado pelo nascimento e pelo desenvolvimento natural da idade cronológica, tampouco estável, pronto e evidente. Suas atribuições não são de ordem natural, mas, sim, construídas social e culturalmente, como expõe a historiadora Guacira Lopes Louro (2010, p. 14, grifo da autora):

Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. Pode ocorrer, além disso, que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo.

Ao partir dessa ideia inicial do corpo como aquele que é construído e constituído ao longo de toda a existência humana, em um contexto histórico, social e cultural, por meio de atravessamentos de relações de poder e discursos que o empreendem, este trabalho partilha de um viés teórico foucaultiano e se propõe a realizar uma breve análise a respeito dos discursos produzidos sobre o corpo travesti em um vídeo educativo. Nesse sentido, tomar-se-á como *corpus*¹ de estudo um vídeo que narra uma história fictícia sobre os dilemas enfrentados por uma travesti na escola em que estuda. Esse vídeo compõe parte do material educativo *Kit anti-homofobia*, produzido pela organização não governamental – Comunicação em Sexualidade (ECOS), que o submeteu à avaliação do Ministério da Educação, que estuda diferentes propostas para enfrentar e combater a homofobia em instituições escolares públicas no Brasil. De acordo com Rogério Diniz Junqueira (2009, p. 375), pode-se compreender que:

A homofobia [...] transcende tanto aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais,

1. “[...] *corpus* como discurso efetivamente pronunciado” (Barbosa, 2004, p. 110).

bissexuais, travestis, transexuais e intersexos etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única seqüência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero.

Esse material motivou uma ampla polêmica, fomentada pelas distintas mídias brasileiras, entre educadores(as), psicólogos(as), políticos, militantes da comunidade LGBTTT², pais, mães, alunos(as). Os discursos perpassam por questionar possíveis contribuições ou mesmo danos que o material poderia oferecer para a formação (em especial, no que se faz referência à constituição da sexualidade) de alunos e alunas nos espaços escolares, o que fez o material, até o momento, estar suspenso por meio de um veto da presidenta Dilma Rousseff.

Neste artigo, nosso objetivo não é analisar o *Kit anti-homofobia*, mas proceder à análise dos discursos sobre o corpo travesti que se encontram, especificadamente, no audiovisual: “Encontrando Bianca”, que é um dos três vídeos que compõem o *Kit anti-homofobia*.

O material Kit anti-homofobia e o projeto Escola Sem Homofobia

O material *Kit anti-homofobia* é um dos produtos do projeto *Escola Sem Homofobia*, que surgiu dando continuidade às políticas públicas contra a homofobia, iniciadas no governo Lula, em 2003, especificamente com o lançamento, em maio de 2004, do programa federal *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros e de Promoção da Cidadania Homossexual*. Esse programa foi lançado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos e se originou de um longo processo de diálogos entre o movimento LGBTTT e o governo federal.

O programa federal *Brasil Sem Homofobia* previa, entre seus objetivos, pleitear a produção de conhecimentos, com estudos e pesquisas que pudessem contribuir para o combate à violência e à discriminação por orientação sexual. O combate à homofobia e a

2. Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

promoção dos direitos humanos de homossexuais constituem-se, por meio desse programa, em um compromisso do Estado.

Dentre as metas previstas pelo programa, poucas foram efetivadas, devido à resistência de grupos conservadores que exerceram pressão sobre o governo, mas uma das iniciativas do programa foi o surgimento do projeto *Escola Sem Homofobia*. Todo o delineamento e as ações de efetivação do projeto *Escola Sem Homofobia* foram concretizados, conjuntamente, por diversas instituições: a rede internacional *Global Alliance for LGBT Education* (GALE); a Comunicação em Sexualidade (ECOS); a organização não governamental Pathfinder do Brasil; a Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva (Reprolatina); e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), com constante diálogo, participação e intervenção do MEC/SECADI³. Especificamente, a produção do material educativo *Kit anti-homofobia* ficou sob responsabilidade da organização não governamental – Comunicação em Sexualidade (ECOS).

O fato de ter sido veiculado nas mídias brasileiras apenas o audiovisual *Torpedo*, integrado por três histórias: “Encontrando Bianca”, “Probabilidade” e “Torpedo”, como sendo o material educativo *Kit anti-homofobia*, gerou confusões e distorções. Na realidade, em relação ao que de fato é o material, esses vídeos divulgados são apenas parte do *Kit*, que é composto, em sua totalidade, por um caderno; uma série de seis boletins (Bolesh); os três audiovisuais em questão, com seus respectivos guias; um cartaz; e cartas de apresentação para o(a) gestor(a) e para o(a) educador(a).

Esse material foi apelidado de *kit gay* pela imprensa, nome que parece sugerir uma aula referente a como ser homossexual, o que contraria as motivações da elaboração do material didático, destinado ao enfretamento do preconceito e das práticas homofóbicas nas escolas. A palavra *kit* tem origem inglesa e entre outras definições, significa o “conjunto de elementos vendidos com um esquema de montar e que o próprio comprador pode armar: *kit* de aeromodelo” (Dicionário..., 2012, s. p.), o que sugere uma flexibilidade discursiva oferecida pela palavra *kit*. Da mesma forma que o utensílio, a palavra *kit* pode ser “armada” e utilizada a partir de um jogo minucioso de interesses.

Com o apelido de *kit gay*, dado pela mídia, constrói-se um discurso maléfico, demonizando o material educativo, bem como os sujeitos ali apresentados. Assim arquitetam-se percepções, entendimentos e julgamentos a respeito do *Kit*, cria-se um arsenal de

3. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

discursos em torno do acontecimento *Kit anti-homofobia*, os quais engendram novos saberes sobre a pluralidade sexual nas escolas, ao mesmo tempo em que restauram antigos entendimentos. Em relação a essa polêmica, o pesquisador Felipe Bruno Martins Fernandes (2011, p. 332), destaca que, na mídia impressa e televisiva, “viu-se uma explosão discursiva que argumentava que o governo federal estava ‘incentivando o homossexualismo [sic]’ em crianças e adolescentes ao difundir a homossexualidade como uma ‘prática respeitável’”.

O audiovisual “Encontrando Bianca”

O vídeo “Encontrando Bianca” conta a história de uma travesti adolescente, que decide se apresentar em sua escola não mais como José Ricardo, e, sim, como Bianca. Para maior clareza do *corpus* de estudo, optar-se-á por apresentar, a partir do próximo parágrafo, a transcrição do vídeo, o qual apresenta como narradora a sua protagonista, ou seja, a travesti Bianca.

Quando eu nasci, meu pai e minha mãe me deram o nome de José Ricardo, é o nome de um grande jogador de futebol, artilheiro em um campeonato que eu não lembro qual. O sonho do meu pai era que eu fosse jogador. Eu chutava bem, sabia driblar, mas era complicado, que quando eu errava um lance sempre sobrava uma piadinha a mais para mim, não tinha jeito. Eu continuo gostando de futebol, mas hoje prefiro ficar na torcida; adoro assistir uma partida bem jogada.

Eu me lembro do primeiro dia que fui à escola de unhas pintadas de vermelho, zoaram tanto comigo que não fui à escola no dia seguinte, inventei para minha mãe que eu estava com gripe. Mas não tinha como, aquelas roupas de meninos, aquele cabelo, não tinham nada haver comigo, me sinto bem assim, como sou hoje, sendo chamada pelo nome de minha atriz preferida (risos) Bianca.

Quem me vê aqui hoje pode achar que tudo foi fácil, mas não foi não, sofri muito preconceito, e demorou muito para as pessoas começarem a me aceitar, meu pai e minha mãe ficaram sem falar comigo quase um ano, demorou um pouco, mas acabaram entendendo que eu me sentia mulher e que continuava sendo a filha deles.

Sendo a Bianca eu deveria usar o banheiro feminino, mas geralmente não me

deixam. Por que não, se eu me sinto mulher? Aliás, esse lance de banheiro já deveria estar superado.

Às vezes não me chamam de Bianca, apesar de saber que eu quero ser tratada assim, me tratam pelo nome que está no diário de classe. Será que é tão complicado simplesmente anotar o outro nome ao lado do que está na chamada?

Mas alguns professores e professoras já entenderam quem eu sou. Bianca.

Eu sou diferente da maioria, mas pensando bem, todo mundo é diferente de todo mundo, cada um tem seu jeito, seus gostos, cada um tem uma maneira diferente de viver a vida.

Eu gosto de estudar e sou boa aluna, fiquei só uma vez de recuperação. Mas tem dias em que vir para escola é um castigo, tem horas que eu fico com medo de ser agredida, uma vez quase me bateram, diziam que gente como eu não deveria estar aqui. Às vezes eu acho que não vou conseguir acabar a escola, eu quero me formar e poder trabalhar, eu quero ser professora, mas como vou conseguir ensinar os outros se eu não estudar?

Tem muita gente que me apoia aqui na escola, inclusive professores e professoras, e são essas pessoas que me ajudam ter a força de continuar estudando, de continuar vivendo a minha vida do jeito que eu quero, respeitando e lutando para ser respeitada sendo quem eu sou. Bianca. É. Bianca (Vídeos do Kit..., 2011, s.p.).

Ao tomar nota desse material e da riqueza de elementos para possíveis análises, percebem-se distintas alianças discursivas no texto do vídeo, entre as quais, destacam-se: a caracterização do futebol como lugar predominantemente masculino, em que qualquer traço feminino é rechaçado ou ridicularizado; o desejo do pai de que o filho siga a carreira de futebol, confirmando o ideário que perpassa nesse universo símbolo da masculinidade bem-sucedida; a não correspondência entre identidade de gênero e orientação sexual; a discriminação, o desrespeito e a violência a que as travestis são expostas no cotidiano escolar; a difícil aceitação da família diante de diversidade sexual de seus filhos ou filhas; a iminência do abandono dos estudos e da escola por parte de quem vive uma sexualidade distinta da heterossexual, em decorrência da forte homofobia praticada; a constituição das subjetividades e das diferenças. Esses são alguns dos discursos encontrados no *corpus*, e comportam o eixo de discussão desse texto.

No entanto, antes de adentrar na especificidade do objeto de análise, ou seja, o vídeo “Encontrando Bianca”, e pensar as alianças discursivas ali presentes, faz-se necessário indagar pelas condições de existência e emergência do conjunto de enunciados e discursos que possibilitaram a elaboração desse material. Tanto no sentido do que fez emergir sua construção, no formato apresentado, como da polêmica travada em consequência da *divulgação*, extraoficial, já que o vídeo foi extraoficialmente divulgado na internet e em outros veículos da mídia. O que esse acontecimento revela ou diz em especial sobre a relação discurso-corpo?

Ferramentas foucaultianas - trilhas indispensáveis.

Ao se propor a pensar essa questão, os estudos de Michel Foucault, em sua rica e densa produção sobre a *História da Sexualidade* (2010), mostram-se como caminho e ferramentas fundamentais para análise, uma vez que comportam, entre outras, a temática da diversidade sexual, das sexualidades, da identidade sexual, do corpo. Categorias essas exploradas pelo filósofo, em que a busca realizada não é de um traçar do percurso histórico e linear da constituição da sexualidade, mas, sim, de uma genealogia dos discursos sobre essa, pois para Foucault (2006, p. 58) “... a cultura ocidental foi surpreendida por uma espécie de desenvolvimento, de hiperdesenvolvimento do discurso da sexualidade, da teoria da sexualidade, da ciência sobre a sexualidade, do saber sobre a sexualidade”. Partilhando dessa concepção e da noção de dispositivo da sexualidade, não se apresentarão aqui considerações históricas visando a um mapeamento ou cartografia da sexualidade, datada e emoldurada, mas, sim, como Foucault analisou, buscar-se-á questionar, em diferentes épocas, a construção de alianças discursivas sobre a sexualidade, que ainda marcam, constroem e desconstroem discursos sobre a sexualidade e sobre o corpo na contemporaneidade, a exemplo do vídeo “Encontrando Bianca”. Por dispositivo da sexualidade, Foucault (1985, p. 244) expressa:

Através deste termo tento demarcar [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Na concepção foucaultiana, a sexualidade não se configurou sob a égide da repressão e da censura; ao contrário, possui ampla produção discursiva, sendo que, para Foucault (2010, p. 19), “... a partir do fim do século XVI, a ‘colocação do sexo em discurso’ em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação...”. Foucault também afirma que os discursos sobre o sexo sofreram “uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII” (Foucault, 2010, p. 24) e, referindo-se à Igreja católica e a seu sacramento da confissão, o autor diz ter havido “uma multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder” (2010, p. 24). O século XVIII também protagonizou interesses sobre o sexo nas esferas econômicas, políticas e técnicas. O sexo passa a ser de interesse do Estado, que atua como controlador, fazendo uso do seu poder para interferir em uma disputa pública com o indivíduo, a partir de interesses específicos e contextuais.

As alianças discursivas do século XVIII e XIX constituíram como norma a monogamia heterossexual e passaram a preocupar-se com o controle das sexualidades fugazes a esse padrão, aquelas consideradas como aberração, loucura, desequilíbrio, como a homossexualidade. Foucault (2010, p. 46) considera que “em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas”. Surgiu, no século XIX, um forte interesse não apenas pela sexualidade heterossexual e conjugal, mas pelas múltiplas sexualidades e diferentes buscas de prazeres, emergiu uma forte tecnologia médica do sexo. O século XX trouxe consigo uma explosão de inovações das tecnologias médicas, da genética corporal, da reprodução assistida, do mercado de implantes e de estéticas diversas, a multiplicação das academias e dos aparelhos de ginásticas, a revolução dos métodos contraceptivos que dão liberdade e nova condição de exercício para a sexualidade da mulher. O sujeito do século XX e seu corpo foram marcados pelas normalizações das ciências humanas, da medicina, da psicanálise e da pedagogia; não reprimidos, mas constituídos pelo poder e pelo saber que geram e criam relações por meio de discursos descontínuos e instáveis, pois, para Foucault (2010, p. 112), “o discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”. Já para os linguistas Corbin, Courtine e Vigarello (2009, p. 7), “o século XX é que inventou teoricamente o corpo”.

As observações, as catalogações e os controles sociais exercidos ao longo do sé-

culo XIX, em relação ao sexo e ao corpo, deixaram um legado para as ciências humanas e biológicas, para a economia, para a pedagogia e para o Estado do século seguinte. Também para sua forma de fazer valer os saberes de outrora e a invenção de outros ainda mais sofisticados, confeccionando discursos capazes de produzir subjetividades à luz do complexo jogo de poder instalado. O poder, na perspectiva foucaultiana, é compreendido como algo que “se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo” (Foucault, 2002, p. 35).

No entanto, precisa-se salientar que, mesmo oscilando entre altos e baixos, as estratégias de resistência e subversão sempre se fizeram presentes diante dos processos de engendramento e da produção de subjetividades, sexualidades e seus corpos. A subversão à ordem está onde se encontra o poder ou, nas palavras de Foucault, (2010, p. 105-106) “- que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. Deve-se afirmar que estamos necessariamente ‘no’ poder, que dele não se ‘escapa’...”. Resistências contra as muitas tentativas de cooptação foram densamente organizadas na década de 1960: os diferentes movimentos sociais, dando vida à tessitura subversiva, como os movimentos antirracismo, o feminismo, as militâncias homossexuais, que reivindicam não apenas as demandas de múltiplas ordens, sejam sociais, jurídicas, econômicas, mas também o direito de exhibir seus corpos e sua sexualidade, sem os conhecidos preconceitos, exclusões e anulações que lhes eram ou ainda são expostos.

Outros aspectos que requerem destaque para se pensar o *corpus* de análise são a invenção e a categorização do conceito de homossexualidade, que ocorreu no final do século XIX. Segundo Foucault (1985, p. 233), “foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos”. Essa elaboração configurou uma mudança importante para a significação da homossexualidade, pois, a partir do momento em que foi criada a ideia de homossexualidade, rompe-se com o modelo grego, em que a atividade homossexual se vincula à arte erótica, para qual o homem ativo representava sinal de virilidade, só merecendo estigmas o homem adulto passivo. Para Foucault (2006, p. 61), a arte erótica:

Encontra-se, em muitas sociedades orientais, assim como em Roma ou na

Grécia antiga, toda uma série de discursos muito numerosos sobre essa possibilidade, ou em todo caso sobre a busca de métodos por meio dos quais se poderá intensificar o prazer sexual. O discurso que encontramos no Ocidente, pelo menos desde a Idade Média, é completamente diferente deste.

Entretanto, com a invenção conceitual da homossexualidade, um modelo fortemente baseado na homossexualidade masculina, torna-se possível a atribuição de identidade, ou seja, o(a) homossexual passa a reconhecer-se e ser reconhecido(a) como pertencente a um grupo que se configura por características comuns, semelhanças. Em certa medida configura-se como um ardil, pois, se por um lado, a identidade oferece a possibilidade de organização social e visibilidade, favorecendo, por exemplo, a busca de reconhecimento e direitos, por outro lado essa construção de identidade pode se constituir como aprisionamento ou enredamento, que encerra o sujeito numa condição fixa, de maneira que a construção de uma identidade homossexual, seja masculina ou feminina, retira o sentido da complexidade das sexualidades. Judith Butler (2010, p. 148), referindo-se ao texto de Foucault, *Os diários de Herculine Barbin*, que narra a história de um hermafrodita do século XIX, afirma que “ele quer sugerir implicitamente que os contextos homossexuais produzem a não identidade – a saber, que a homossexualidade é um instrumento para derrubar a categoria do sexo”. No entanto, com a categorização do conceito homossexualidade, passa a se atribuir uma identidade ao(à) homossexual, pois, para Weeks (2010, p. 65), “... antes do século XIX a ‘homossexualidade’ existia, mas o(a) ‘homossexual’ não”.

A partir dessa consolidação da identidade homossexual, em especial definida como doença, e da necessidade de que essa seja curada, acentuam-se as molduras, os rótulos e os entendimentos generalizados e esvaziados de sentido e compreensão sobre as homossexualidades, as diversidades sexuais e seus corpos. Prevalece um forte senso comum e um sentimento de repúdio diante de subjetividades já constituídas de maneira caricaturada no ideário social e cultural. Têm-se, como exemplo, os rótulos: viadinho, bichinha, sapatão, caminhoneira, bicha-boy, traveco.

Possíveis vertentes de análise do audiovisual “Encontrando Bianca”

O vídeo “Encontrando Bianca”, sendo parte do material educativo *Kit anti-homofobia*, surgiu em meio a reivindicações da comunidade LGBTTT, de educadores (as) e

grupos de políticos, defensores(as) do combate à homofobia em instituições escolares brasileiras, uma vez que práticas discriminatórias envolvendo atos de extrema violência, endereçam-se rotineiramente a pessoas que vivem ou assumem uma sexualidade diferente da heterossexual. Pessoas que se distanciam da normatização heterossexista e da visão essencialista, que associa gênero a identidade social e a identidade sexual, são estigmatizadas e perseguidas de diferentes formas em instituições escolares. Também é admissível considerar que a própria elaboração do material (ainda que vise ao combate da homofobia) e suas possíveis formatações podem constituir-se como armadilhas, formas de policiamento em relação aos corpos apresentados, e ainda formas de produção de sexualidades, mais uma vez aprisionadas ao dispositivo da sexualidade. Podem apresentar-se como resposta do próprio poder.

Os discursos que envolvem o vídeo “Encontrando Bianca” mostram paradoxos, pois, se por um lado, tem-se retratado ali uma travesti beneficiada em certa medida - como tantas outras - pelos avanços legados pela sofisticada revolução tecnológica dos séculos XX e XXI, por outro lado, Bianca é convidada a não se mostrar, a não se exibir, sob pena de protestos, violências e punições. O paradoxo amplia-se perante o fato de que esses séculos trouxeram novas tecnologias médicas, farmacêuticas, estéticas, indispensáveis para a construção de um corpo novo. Elas oferecem vastos recursos para a refinada transformação desse corpo, inclusive alterando fortemente traços corporais biológicos, como parece ser o caso de Bianca, que tem seu corpo moldado, uma vez que “é no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos” (Benedetti, 2005, p. 55).

Apesar de possuir um corpo visivelmente feminino, é ordenada a não frequentar o banheiro feminino, situação sobre a qual a personagem Bianca assim se manifesta: “– Essa é uma questão que já deveria estar superada” (Vídeos do Kit..., 2011, s.p.). Essa violência – não poder utilizar o banheiro feminino, ser perseguida no espaço escolar – é caracterizada por um forte abalo psicológico, um abalo ininterrupto para as travestis, pois, de acordo com Benedetti (2005, p. 55), “... é no corpo que elas localizam os principais símbolos do masculino e do feminino; e investem conhecimento, tempo e dinheiro para que possam ostentar, sentir e exibir um corpo diferente, um novo corpo...”. Como, então, querer que esse corpo não se mostre na escola, em especial quando se vive a adolescência, período de descoberta de sentimentos, desejos e afetos? O vídeo indica um discurso da necessidade e da demanda por respeito e aceitação desse corpo constituído nos limites entre masculino e feminino, um corpo

de uma pessoa que se sente feminina e assim deseja ser reconhecida.

Por uma vertente, é possível levantar algumas indagações: como construir um discurso sobre o corpo da travesti, como arquitetá-lo em um vídeo, em especial quando se pretende combater a discriminação sofrida em relação a esse corpo? Essas questões emergem diante da consideração de que o discurso, ao ser elaborado, não é isento de uma gama de intenções, estratégias e jogos de poder-saber, entendidos por Foucault (2010) como “focos locais”.

Por um itinerário, pode-se considerar que o vídeo, mais que buscar ressaltar a diferença da travesti Bianca, enaltece a necessidade de respeito. No entanto, essa ideia de respeito pode constituir-se em uma armadilha, e merece assim ser problematizada, a partir da perspectiva da pesquisadora Jimena Furlani (2008, p. 55, grifo da autora):

... os trabalhos de educação sexual – sobretudo eles – em vez de “respeitar” a diferença do outro, deveriam [...] discutir como as marcas identitárias, atribuídas aos sujeitos, tornam alguns mais (ou menos) subordinados aos mecanismos de exclusão, sexismo, homofobia, discriminação e preconceito.

Para além da discussão sobre o respeito, faz-se indispensável questionar se é possível falar de um único corpo das travestis, ou antes, se os discursos criam-lhes um corpo ideal. Benedetti (2005, p. 55), em seu estudo etnográfico sobre um grupo de travestis em Porto Alegre, afirma que “as alterações corporais são muitas e vivenciadas de diferentes formas”. Nesse caso, o vídeo não deixa, em ampla medida, de constituir um discurso que condiciona o corpo das travestis. Ou ainda, por outra vertente, poder-se-á indagar ou considerar que a imagem do corpo retratado, sua vestimenta, seus gestos, sonhos, desejos, assim tenham sido concebidos, pois os corpos das travestis, suas semelhanças preponderantes forneceram atributos para que o discurso assim as representasse. Nessa consideração, pode-se pensar o corpo como moldando o discurso?

Essas e outras muitas ponderações são possíveis. Entretanto, ao considerar o *Kit anti-homofobia* como um dispositivo, uma questão imprescindível deve ser levantada, ou seja: qual o função estratégica do material, ao produzir determinado corpo de uma travesti?

Seguindo uma linha de análise tradicional, que considera a identidade de gênero

feminina como aquela atribuída à mulher feminina, doce, passiva, torna-se pertinente considerar que o vídeo produz menos uma travesti, e mais uma mulher angelical. Meiga em sua vestimenta, de roupas discretas, presilha no cabelo, cachecol no pescoço, parecendo mesclar uma feminilidade discreta, juvenil, com a presilhinha posta ao lado dos cabelos e certa elegância de uma mulher mais sofisticada, com um cachecol no pescoço, em que a pouca extravagância estaria restrita às unhas pintadas de vermelho (no entanto curtas, contrariando o desejo de uma grande maioria de travestis que apreciam unhas compridas, ainda que postiças).

Essa constituição da travesti Bianca poderia ser pensada como uma forma de se afirmar um corpo ideal da travesti, que mais se assemelharia ao corpo feminino ideal. O dispositivo atua em toda sua potência, para destituir esse corpo de tudo o que foge à normalidade e aprisioná-lo aos padrões da heterossexualidade. Assim, constitui-se certo dizer: esse corpo é o corpo de uma travesti que não incomoda, não perturba tanto, não é extravagante, vulgar, chamativo, agressivo; não apresenta traços de sexualidade protuberante; não desconcerta aqueles que não se sentem bem ao lado das diferenças. Para ser aceita em sua travestilidade, Bianca tem seu corpo construído na pureza daquilo que já se constituiu nos discursos hegemônicos como o esperado para uma mulher, aquilo que é o benquisto, o correto. Ela é uma boa moça, gosta e quer estudar, só ficou de recuperação uma vez, vai bem nos estudos, quer se formar professora, trabalhar, é uma moça tranquila, delicada, cordata, respeita os outros. É apresentada de forma convergente com os valores e os padrões estabelecidos por uma cultura ocidental, branca, burguesa e heterossexista. Bianca até pode ser aceita, já que é o protótipo do bem. É quase a visão de uma mulher imaculada, um corpo que não tumultuaria tanto o espaço escolar e, portanto, merece ser acolhido. A travesti está presa ao discurso sexista. Suas roupas são discretas, de tons neutros, predominantemente pretos, inclusive o tênis; apenas a blusa possui um tom avermelhado, mas pouco se mostra por estar sob o casaco; seu cachecol possui um tom leve entre rosa e lilás, e, de certa forma, impossibilita identificar a presença de seios, tão desejados pelas travestis, seja por uso de hormônios ou por implantes de silicone.

Pode-se dizer que Bianca apresenta indícios de que se submeteu ao desejo de ter um corpo mais feminino, fazendo assim uso de hormônios. Ela não possui pelos na face, sua pele é lisa e sem marcas, o que, costumeiramente, é adquirido pelas travestis com o uso de hormônios, além da refinada maquiagem. Esses pequenos sinais no corpo de Bianca são indicadores de que ela faz uso de hormônios, mas,

se faz, por que seu corpo não apresenta formas arredondadas, por que não apresenta os seios, ou antes, é porque qualquer traço e evidência de sexualidade foram apagados desse corpo? Uma travesti que faz uso de hormônios, mas não habita um corpo sexualizado? Um paradoxo, não sem intenções. Louro (2004, p. 22), ao se referir a uma fala da personagem Agrado, do filme, *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar, menciona que “a travesti afirma que o que tem de mais autêntico é exatamente o silicone, ou seja, aquilo que diz, do modo mais material possível, de sua intervenção sobre seu próprio corpo”, mas a travesti do *Kit anti-homofobia* é pura, não tem um corpo sexualizado, ou antes, esconde-o sob seu cachecol.

Se, por um lado, a travesti do vídeo pode apontar para traços encontrados em muitas travestis da sociedade contemporânea, em especial no que se refere ao desejo de ser reconhecida como feminina, em sua construção e montagem desse novo corpo; por outro, cria-se uma caricatura um tanto distante, ao apresentar uma travesti quase virginal (com seu cachecol rosado), o que rompe com aquilo que é percebido no corpo de muitas travestis, ou seja, a forte marca de ostentação dos traços femininos, em especial no que diz respeito à sensualidade, ao desejo de ser vista, admirada, desejada como feminina.

Tecendo um paralelo da travesti Bianca com a travesti Agrado, do filme, *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar, é possível perceber, tomando as considerações apontadas por Oliveira (2005), que Agrado produz um diferente conceito de autenticidade na construção da imagem de seu corpo, uma autenticidade não de um corpo natural, mas sim, construído. Entretanto, enquanto Agrado, como menciona Oliveira (2005, p. 62), tem sua “... autenticidade [...] quanto mais se parece com o que sonhou de si mesma”, a imagem de Bianca parece contrariar suas palavras, quando diz: “*me sinto bem assim, como sou hoje, sendo chamada pelo nome de minha atriz preferida (risos) Bianca*” (Vídeos do Kit..., 2011, s.p.). Seu corpo, no lugar de mostrar uma autenticidade sonhada e produzida, como a de Agrado, parece antes aprisionado a certa hesitação em mostrar as construções desse corpo, que longe de convidar os olhares a conhecerem (ou imaginarem) outros corpos de travestis, formata o olhar para um corpo encerrado num determinado discurso-corpo, que acentua a feminilidade pueril e distancia-se de uma imagem mais sexualizada desse corpo. Também descarta o encontro com outros possíveis corpos de travestis, como, por exemplo, o corpo das pessoas transexuais, que se encontra num processo de transição e cuja estética nem sempre se aproxima da ideia tradicional de feminilidade. Perspectiva que parece sustentar a

consideração de que os discursos presentes no vídeo estão repletos de intencionalidades no que se refere à lapidação de olhares diante da imagem corporal de Bianca.

A partir desse entendimento, um vídeo que se destina a ser ferramenta educativa contra a homofobia, em certa medida, sugestiona pensar um corpo modelo que possivelmente poderia ser tolerado, e um modelo a ser incorporado por outras travestis que frequentam o espaço escolar.

Por outras vias de análises, poder-se-á considerar que, em função do ambiente escolar, a travesti Bianca se apresenta de uma forma mais recatada, discreta, – ou que ainda existem muitas travestis próximas à imagem ali apresentada –, o que não deixa de ser argumentos e considerações razoáveis, comportando admissíveis sentidos. Mas, como no campo discursivo, nada escapa às relações de poder, não é função imaginar que a travesti do vídeo assim foi composta por uma ingênua e imparcial escolha, ou ainda, e mais uma vez, porque é a imagem mais fiel do corpo das travestis. Não uma escolha de sujeitos no sentido individual, mas de escolhas no sentido das influências do próprio discurso, uma vez que, segundo Barbosa (2004, p. 113), “... o discurso não é fruto de um sujeito que pensa e sabe o que quer. É o discurso que determina o que o sujeito deve falar, é ele que estipula as modalidades enunciativas”.

Poder-se-ia considerar que certo corpo da travesti perpassa nas experiências ou nos ideários comuns, o que pode ter contribuído para a construção e a imagem da travesti Bianca, mas, sem dúvida, existem discursos e práticas discursivas clamando por uma imagem que seja a mais adequada para compor um material educativo destinado a instituições escolares. Em outras palavras, uma imagem mais suave, que não agrida ou choque os olhares historicamente construídos e governados a ver os gêneros, o corpo e a sexualidade de forma quase naturalizada, inata e essencializada. O que sinaliza para a necessidade de percorrer e esmiuçar, no próprio vídeo, esses discursos enraizados no dispositivo da sexualidade, pois a escola retratada ali parece estar mais que nunca submetida a um poder. Ou seja, evidencia-se a ideia de Foucault (1985, p. 180), quando considera que “o poder não para de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca de verdade, profissionaliza-a e a recompensa. No fundo, temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas...”, o que é percebido por alguns dos estereótipos já mencionados e, até mesmo, por certa artificialidade quando se tenta criar uma atmosfera de naturalidade nas cenas. Antes, parece conseguir mais um ar de inexpressividade dos(as) demais personagens diante da travestilidade de Bianca, como se dissessem: “*não estamos aqui para darmos a*

nossa opinião, estamos participando de um comercial para mostrarmos que não somos preconceituosos(as)”.

Se o vídeo é bom ou ruim, ao apresentar o corpo da travesti da forma como o apresenta, talvez seja uma questão desnecessária no que interessa, a discussão aqui realizada. Ainda que a qualidade do vídeo e das demais partes do material *Kit anti-homofobia* possa ser questionada, apesar do sério empenho da equipe de profissionais que elaboraram o material, a questão que aqui se indaga sobre a produção do vídeo não é de cunho pessoal, já que, para Foucault (2010, p.105), “... as relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas”, mas, sim, de como escapar às produções discursivas que possibilitam construir um determinado corpo da travesti Bianca e não outro. O vídeo se propõe a combater a homofobia sofrida por travestis no ambiente escolar, e é preciso pensar se a própria produção não se deixa esbarrar nas normatizações, em desencontro com os objetivos traçados pelo projeto *Escola sem homofobia*.

Ponderações finais

Para além das imagens e dos discursos expressos no vídeo, é preciso utilizá-lo como destaque daquilo que ali não é dito, ou a que apenas se faz alusão, por exemplo, aprofundar sobre os reflexos que os preconceitos, as violências e os dilemas enfrentados na família, na comunidade, ou as diferentes e fortes agressividades enfrentadas na escola deixam na vida das travestis. Faz-se urgente destacar mais que o tom rosado, o sombrio tom da violência que marca a vida das travestis nas escolas, pois “a intensidade da discriminação e do desrespeito aos quais as travestis são expostas nas escolas [...] leva, na maioria das vezes, a reações de agressividade e revolta, ocasionando o abandono dos estudos ou a expulsão da escola” (Peres, 2009, p. 245).

O vídeo, ou outros recursos didáticos semelhantes, estando em mãos de professores(as) e disponível em escolas, talvez devesse seguir um caminho de polemizar o porquê de ser preciso criar tais materiais. De tal modo, um caminho mais profícuo de combate à homofobia nas escolas não é tomar materiais didáticos como verdades absolutas, mas antes, como uma produção discursiva, que pode e deve ser analisada em conjunto por professores(as) e alunos(as).

Questionar os discursos que formataram o corpo da travesti Bianca do modo como está apresentado e pelo corpo que engendrou os discursos presentes no vídeo talvez seja uma forma de resistência mais frutífera do que simplesmente adotar o

material como veículo de combate à homofobia, pois o vídeo pode conter marcas de um poder ressurgido.

Enfim, questionar essa relação discurso-corpo, considerando-a como social e culturalmente construída a partir de sutis jogos de poder-saber constituídos pelo dispositivo da sexualidade, é uma tentativa de fuga do aprisionamento do corpo a um discurso ideal. Para isso também é preciso ponderar se o discurso do vídeo “Encontrando Bianca” não cria um corpo idealizado para as travestis. Ao olhar o vídeo e a travestilidade de Bianca ali expressa, é preciso não esquecer as palavras de Foucault (1985, p. 183):

Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Pedro Luis Navarro. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, Vanice; BARBOSA, Pedro Luis Navarro. (Org.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-130.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 3.
- DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS. *Kit*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/kit/>>. Acesso em: abr. 2012.
- FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *A agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)*. 2011. 420 f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), Universidade Federal de Santa Catarina-Florianópolis, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2010. v. 1.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FURLANI, Jimena. Educação sexual – possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero, sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 66-81.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 367-444.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-34.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOTA OFICIAL SOBRE O PROJETO ESCOLA SEM HOMOFOBIA. Disponível em: <<http://www.ecos.org.br/projetos/esh/notaoficial.pdf>>. Acesso em: dez. 2011.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. O exemplo de Agrado: imagem, técnica e autenticidade. *Educar em revista*, Curitiba, n. 26, p. 53-65, 2005.

PERES, Wiliam Siqueira. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 235-263.

VÍDEOS DO KIT ANTI-HOMOFOBIA. Encontrando Bianca. Disponível em: <<http://www.dceunicamp.org.br/blog/2011/06/05/videos-do-kit-anti-homofobia/>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 35-82.

Submetido à avaliação em 30 de outubro de 2012.

Aprovado para publicação em 20 de junho de 2013.